

John Ventimiglia

Tem 42 anos e desde 1999 que faz de cozinheiro em *Os Sopranos*, a repetir no canal Hollywood. É filho de um casal siciliano que emigrou para Nova Jérсия, ao lado de Nova Iorque. Cresceu num bairro popular. Estudou para ser actor. Casou, teve duas filhas e separou-se. Agora vive em Brooklyn, onde escreve e compõe música. E ainda lhe sobra tempo para o cinema

“Há mafiosos que falam comigo por causa dos Sopranos”

Já era actor, mas ninguém o conhecia antes de participar na série sobre a máfia. Agora até gosta de ser reconhecido – na cidade onde nasceu, no estado de Nova Jérсия, e no mundo inteiro. John Ventimiglia vem fazer um espectáculo a Portugal

Podemos vê-lo como Artie Bucco, o cozinheiro de Tony, em *Os Sopranos*. Também aparece em alguns episódios de *Lei e Ordem* e *NYPD Blue*. No dia 20, vai actuar ao vivo num concerto no Cabaret Maxime, em Lisboa. Chega para promover *The Collection*, o último trabalho do realizador Bruno de Almeida. John Ventimiglia já antes participara noutros projectos do português que venceu prémios em Cannes: narrou a versão inglesa do documentário *A Arte de Amália*. No meio das filmagens para a sexta série de *Os Sopranos*, falou de culinária, dos portugueses e de como é ser um actor em Nova Iorque.

Está a gravar outra vez *Os Sopranos*?
Estou no fim das gravações, depois só volto em Junho ou Julho para mais uns oito episódios. Não trabalho todos os dias, mas

tenho de estar disponível sempre que eles precisam, é assim que está no contrato. Isso faz com que tenha de recusar trabalhos, porque na semana em que vão ser rodados há uma tarde em que tenho de ir aos Silvercup Studios, em Long Island City, onde se grava o programa.

Como foi passar a fazer parte de uma série com tanto sucesso?

Uma grande transformação. Já trabalhava antes, mas ninguém me conhecia. *Os Sopranos* trouxeram-me reconhecimento. No mundo inteiro, as pessoas passaram a saber quem sou. E eu adoro, não uso disfarces. Não acho inconveniente meterem-se comigo na rua para dizerem que gostam do meu trabalho ou apontarem-me porque sabem quem sou. Gosto de falar com estranhos e faço-o todos os dias, pelo menos

duas ou três vezes. É uma ótima desculpa para conhecer gente nova.

Como é a equipa de actores? Dão-se todos bem?

Somos uma grande família, há muito tempo que convivemos uns com os outros. Telefonamo-nos quando temos problemas e precisamos de apoio. Ou só para dizer olá e saber como vão as coisas.

Como reagiu a equipa quando Robert Iler, que faz de Anthony Soprano Jr. na série, foi preso e acusado de roubo e posse de marijuana?

Sempre que há problemas, apoiamo-nos muito. Aconteceu isso com o Robert, mas há outros exemplos: o meu pai e o do James Gandolfini morreram no ano passado, e a reacção é sempre de união – telefonamos a perguntar se é preciso alguma coisa, conversar ou apenas para fazer companhia. Aci-



12 ABRIL 2006

ENTREVISTA

► ma de tudo, fazemos sentir que estamos ali para qualquer coisa e, no caso do Robert, que ele não deixou de ser boa pessoa só porque cometeu um erro. Ainda por cima na idade dele...

O que fez para criar a personagem Artie Bucco?

Comecei por pensar no meu tio Rosario, que me mata se algum dia descobrir. Visualizava o Artie como alguém inseguro e adicioniei-lhe um pouco de uma personagem muito secundária do *Padrinho II* – um tipo que quer subir a renda e expulsar o cão da sua inquilina. Ela queixa-se a Don Corleone, que vai ter com o senhorio e lhe diz que ela é sua amiga. O senhorio não sabia quem era o Corleone e grita com ele, parece um homem de coragem. Quando descobre que afinal esteve a discutir com o Padrinho, procura-o. A forma como lhe pede desculpa fez um clique na minha cabeça – está com medo, nervoso, servil e a cena é uma comédia física, com o senhorio atrapalhado a querer abrir uma porta que não consegue. Achei perfeito. O bigode roubei ao meu avô.

Porque nunca incluíram portugueses em *Os Sopranos*? Em Newark, onde se desenrola a série, há um bairro cheio deles que se dão com italianos – o Ironbound. Mas isso nunca foi retratado...

Deve ser porque os portugueses não vendem tanto como as histórias dos italianos enrolados com a máfia. E o único actor português que conheço é o primo do Bruno – o Joaquim de Almeida.

“**Os verdadeiros mafiosos, que eu conheço em Little Italy, em Nova Iorque, pedem-me para tirar fotografias com eles**”



Cresceu em Nova Jérсия?

Sim, no condado de Burndy, onde havia pessoas do mundo inteiro. Não vivi no meio de uma comunidade totalmente italiana. Mas os meus pais eram da Sicília e tinham um sotaque muito acentuado. Éramos uma família exótica.

Conhece alguém da máfia?

Sim, mas não através da minha família. Conheci-os depois de *Os Sopranos* terem ido para o ar. Acenam e vêm falar comigo. Dizem, por exemplo, que adoram o programa, dão sugestões ou discordam de alguma cena. Há conversas mais longas, num café ou num restaurante, sobre família, comida, crianças, Itália, o bairro, a casa. Assuntos de italianos.

Como sabe que são da máfia?

Eles não são pessoas que se apresentem como elementos da máfia ou que andem a vangloriar-se. São discretos, conseguem ser simpáticos. Só sei quem são porque conheço quem os conhece. Acontece quando vou à Little Italy ou no bairro onde vivo, em Brooklyn. Havia lá um par de tipos assim, mas desapareceram. Costumavam pedir-me para tirar fotografias com eles, com os filhos, a mulher, os primos e os sobrinhos.

É um homem de família?

Casei aos 31 anos, mas estou separado. Tenho duas filhas, com 12 e 9 anos. Querem ser atrizes. Hoje a mais velha não pára de me ligar porque tem uma peça na escola e anda a preparar o papel. A mais nova faz anos amanhã e eu vou à turma dela distribuir piza. Tenho a sorte de ter horários que me permitem ser um pai presente. Levo-as à escola de manhã, vou buscá-las, brinco, faço-lhes o jantar.

Sabe mesmo cozinhar?

A minha mãe é da Sicília, eu tenho uma noção. Sei fazer *pastas* e legumes salteados.

É tradição entre os actores nova-iorquinos começar a carreira a servir às mesas. Fez o mesmo?
Sim, em vários lugares e durante anos. Era terrível, sem jeito nenhum. Safava-me porque era simpático, de conversa fácil.

Como se vende como actor? Alguns exemplos: George Clooney é um sexy maduro, o Brad Pitt faz o tipo sexy baby e o James Gandolfini é o género durão.

Sou qualquer coisa entre o querido e o duro, com um bocadinho de charme. Posso fazer de *gangster*, de Artie Bucco – de quem já ouvi dizer que é *sexy*. Mas também representei um pai afectuoso e ouvi boas críticas. Dou para muita coisa, não corro o risco de ficar colado ao papel que represento em *Os Sopranos*.

Vem a Portugal promover o filme de Bruno de Almeida – *The Collection*. De que trata?

É o último projecto do Bruno, meu amigo há décadas e com quem já fiz outros trabalhos. Começamos com *On the Run*, em 2000 – onde também entrou o meu amigo Michael Imperioli (que faz de sobrinho de Tony Soprano). A seguir fiz a narração para a versão inglesa de *A Arte de Amália*. *The Collection* é uma compilação de histórias que foram pensadas para a Internet e agora vai sair em DVD. Eu represento em cinema, escrevi quatro e fiz duas músicas.

Teve outras experiências com portugueses?

Visitei Portugal em Agosto de 2001 com cinco amigos. Descobri o Guincho, adorei as mulheres, passei noites a jogar matraquilhos e provei absinto. Mas fiquei maldisposto nessa noite e perdi-me no castelo de Óbidos. Comi o melhor peixe da minha vida. Em Nova Iorque, costumava parar num restaurante português – O Pão. ■